O CANDOMBLÉ DA LIBERDADE

*Ubiratan Castro de Araújo**

Aos 14 de maio de 1888 começava uma nova luta para o povo negro de Santo Amaro da purificação, no Recôncavo canavieiro da Bahia. Os ex-senhores de escravos, inconformados com a lei da abolição, proclamavam aos quatro ventos que nada havia mudado e pressionavam suas lideranças parlamentares para que a dita lei fosse revogada.
Para mostrar que não estavam brincando, mobilizaram o aparelho policial da história da cidade para tolher os movimentos da população negra, de modo reter uma força de trabalho disponível para o trabalho, em regime de cativeiro. E assim teria sido, sem a resistência negra para fazer a liberdade. O movimento social pela abolição foi reativado para tirar da cadeia os que foram encarcerados a pedido dos ex-senhores, e para assegurar o direito de ir e vir de todos os ?treze de maio?, como eram pejorativamente chamados os libertos pela lei da abolição. Deles se dizia em verso popular:

"Nasceu periquito,
Morreu papagaio,
Não quero conversa com treze de maio".

Passado um ano de luta contra a repressão e contra a discriminação, os negros de Santo Amaro resolveram festejar em praça publica o primeiro aniversário da lei da abolição. Os barões ameaçaram e a policia proibiram o ajuntamento de negros. Apesar de tudo e de todos, no dia 13 de maio de 1889, milhares de pessoas fluíram ao mercado de Santo Amaro. Não se viu nenhuma parada cívica, não se ouviu nenhum discurso de agradecimento à princesa.

Aparados pela força de seus Orixás, os negros ?bateram candomblé? no centro da cidade e no sábado seguinte jogaram um presente no mar em agradecimento aos Orixás. E mais, lançaram uma praga sobre a cidade: todo aquele que impedisse o Bembé (Candomblé) do Mercado sofreria um castigo exemplar.

Diz a tradição santamarense que, em todo esse tempo, até hoje, em apenas dois anos não se festejou o Bembé. Conta-se que, certa feita, um delegado valentão resolveu proibir o Bembé, até porque o candomblé era perseguido em todo o Estado da Bahia.

Pois bem, um mês depois a esposa dele foi vitima de um acidente automobilístico e ficou com um braço inutilizado. Na segunda ocasião que não se fez o Bembé, uma grande enchente castigou o centro da cidade. E assim, ninguém mais ousou impedir que os negros exercesse sua liberdade de acordo com as suas tradições e sua cultura. Estava instituído o candomblé da liberdade. Cada ano que passa, o Bembé fica mais animado. Além do Candomblé do Treze de Maio, apresenta-se no mercado de Santo Amaro as várias manifestações tradicionais: O Maculelê, a Capoeira, o Samba de Roda, o Coça-coça, o Nego Fugido, na forma de um verdadeiro festival de cultura negra e popular.

O Bembé do Mercado, em Santo amaro, tem grandes significados pára a afirmação da cidadania negra no Brasil. Eliminados quaisquer traços de subserviência agradecida a princesa pela Abolição, emerge a evidência histórica da luta popular contra o cativeiro e da força da cultura afro-brasileira como propulsora da resistência do povo negro no Brasil. Longe de ser uma excentricidade baiana, o Bembé representa uma série de manifestações populares em todo Brasil, especialmente nas áreas rurais do Rio de

Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, que evocam a luta contra a escravidão e afirmam valores importantes da cultura afro-brasileira, tais como reisados e congos. Por tudo isso, o Treze de Maio não pode ser simplesmente apagado do calendário das lutas de libertação do povo negro brasileiro.

Maio/2003
**Presidente da Fundação Cultural Palmares/MinC, historiador.*